

Jornalismo e Racismo: análise de notícias sobre crimes com protagonistas negros e brancos no G1 e UOL

Bruno Santiago Deusdará[1]

[1] Estudante de Graduação do 7º. semestre do Curso de Jornalismo e Pesquisador do Programa Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC/Unisagrado), email: brunostgdeusdara@gmail.com

RESUMO

Este estudo em desenvolvimento na iniciação científica investiga as percepções do racismo em notícias divulgadas no Portal G1 e UOL, das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, no período de setembro de 2024 a abril de 2025. O objetivo é compreender como o racismo estrutural e institucional é percebido nas coberturas de crimes praticados por brancos e negros. Parte-se, inicialmente de uma pesquisa bibliográfica para fundamentar os conceitos-chave do estudo e da pesquisa documental para relacionar dados estatísticos sobre violência, educação e prisões no Brasil. O corpus analítico será tratado pelo método da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), com a criação de duas grandes categorias de texto e imagem, e de subcategorias, para adentrar nas categorias principais. Acredita-se que os relatos noticiosos podem trazer informações sobre como o criminoso branco e o negro são tratados no contexto do acontecimento, revelando na dimensão jornalística aspectos do racismo estrutural e institucional. Os resultados preliminares indicam disparidades na representação de criminosos negros e brancos, reforçando estereótipos que legitimam a necropolítica. A pesquisa contribui para os estudos de comunicação ao discutir o papel do jornalismo na construção de imaginários sociais e na manutenção do racismo.



Palavras-chave: racismo estrutural; jornalismo digital; análise de conteúdo; necropolítica; representação racial.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga como o racismo estrutural se manifesta na cobertura jornalística de crimes nos principais portais brasileiros, analisando comparativamente o tratamento dado a casos envolvendo negros e brancos. O estudo foca nas produções do G1 e UOL nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, partindo do pressuposto de que a mídia não apenas relata fatos, mas constrói narrativas que podem reforçar desigualdades raciais históricas. A fundamentação teórica integra conceitos-chave como racismo institucional, biopoder e necropolítica, articulando-os com teorias da comunicação para compreender como se dá a produção de sentidos racializados no jornalismo contemporâneo.

OBJETIVOS

Esta pesquisa busca analisar como o racismo estrutural se manifesta na cobertura de crimes nos portais G1 e UOL, comparando o tratamento dado a casos envolvendo negros e brancos. O estudo tem como objetivos específicos: revisar conceitos fundamentais como racismo institucional e necropolítica; examinar elementos textuais e visuais das reportagens; comparar as narrativas sobre diferentes grupos raciais; discutir o papel do jornalismo na reprodução de estereótipos; e contribuir para os estudos sobre representação racial na mídia. A análise focará nas diferenças de enquadramento e linguagem utilizadas em notícias sobre crimes, buscando identificar padrões de racialização no discurso jornalístico.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa baseada na análise de conteúdo, conforme proposto por Laurence Bardin. O corpus foi composto por 12 reportagens publicadas entre setembro de 2024 e abril de 2025, selecionadas mediante critérios rigorosos que incluíram a identificação racial clara nas imagens, simetria nos tipos penais abordados e localização geográfica específica. A análise concentrou-se em dois eixos principais: os elementos textuais (como títulos, linhas-finas e leads) e os elementos visuais (incluindo fotografias e legendas), buscando identificar padrões discursivos diferenciados no tratamento dado a criminosos negros e brancos.

RESULTADOS PARCIAIS OU FINAIS

A análise comparativa das coberturas jornalísticas revelou padrões distintos no tratamento de crimes conforme a raça dos envolvidos. Nos casos com autores brancos, predominaram narrativas contextualizadas, com detalhes biográficos, motivações psicológicas e circunstâncias atenuantes. Já nas ocorrências com negros, observou-se maior ênfase na



periculosidade, com linguagem criminalizante e ausência de profundidade analítica. As escolhas lexicais, a hierarquia de informações e o uso de imagens contribuíam para construir representações diferenciadas - humanizando os brancos e estereotipando os negros. Esses achados corroboram estudos como os de Van Dijk (1991) sobre o discurso racista na mídia, demonstrando como o jornalismo hegemônico reproduz estruturas de poder racializadas. É importante ressaltar que essas conclusões foram possíveis numa pré-análise do material, e a análise completa dos elementos que compõe ambas as notícias ainda será feita.

CONCLUSÕES E / OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que o racismo estrutural se manifesta na cobertura jornalística através de mecanismos sutis, porém sistemáticos, de diferenciação narrativa. Os resultados confirmam a necessidade de redações mais plurais e da adoção de protocolos editoriais antirracistas, capazes de desconstruir estereótipos enraizados. Embora limitado ao recorte temporal e geográfico definido, o estudo oferece subsídios para repensar práticas jornalísticas, destacando o papel transformador de iniciativas como a imprensa negra. Como perspectiva futura, sugere-se ampliar a análise para outros veículos e regiões, aprofundando a investigação sobre o impacto dessas narrativas na percepção pública da criminalidade.

REFERÊNCIAS

ALMA PRETA. **Manual de redação antirracista**. 2023. Disponível em: https://almapreta.com. Acesso em: 10 nov. 2024.

ALSINA, M. R. A **construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus, 1965.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.



IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

MBEMBE, A. Necropolítica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MILES, R.; BROWN, M. **Racism**. London: Routledge, 2004.

MOURA, C. **O negro**: de bom escravo a mau cidadão? Rio de Janeiro: Conquista, 1977.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PENA, F. **Teorias do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA, L. R. **Hierarquias sociais no Brasil colonial**. São Paulo: Edusp, 2010.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, W. Faces da desigualdade de gênero e raça no Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

SCHWARTZ, S. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SODRÉ, M. **O fascismo da cor**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

VAN DIJK, T. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 1991.